

A CAPACIDADE DE ESTAR SÓS

O ENCONTRO QUE CRIA COMUNIDADE

O verdadeiro relacionamento humano implica uma certa capacidade de estar sós, de proteger o nosso íntimo mistério. É uma honestidade, falsa e enganadora que tudo deve ser comunicado, que não deve haver secretos. Mesmo na vida conjugal, os esposos não são obrigados a uma abertura total, sem secretos, o que tornaria o relacionamento superficial, vazio de conteúdo e cansativo, em fim, tormentoso. De facto, quanto mais se exige, tanto menos se recebe, até chegar á exaustão.

Há pessoas que não conseguem apreciar uma certa limitação na abertura, quer na vida conjugal, quer na amizade, acham que não deve haver secretos e que tudo deve ser comunicado. Isto acontece porque não sabem que, a criação de confins seguros de proteção, permitem uma descoberta nova e surpreendente da outra pessoa. Atras disso, esconde-se a ilusão de que a solidão existencial do ser humano possa ser vencida suavizada ou vencida pelos relacionamentos humanos. A verdade é que só Deus pode entrar nesta intimidade, tornar-se nosso companheiro e infundir nela a Sua Paz.

O tesouro mais precioso está escondido no coração e o coração é o sacrário de Deus, onde aos seres humanos não lhe é permitido entrar. Em solidão, podemos aproximarmo-nos dos outros, não avidamente, para atrair a sua atenção ou suscitar o seu afeto, não para apagar os nossos anseios, mas oferecendo-nos a nós próprios e, juntos, contruir a comunidade do amor. A solidão é libertadora, não nos arrasta para longe dos nossos irmãos e torna possível a verdadeira amizade.

Tomas Merton que passou longos anos de vida eremítica, escreveu no seu diário: «*Nesta solidão profunda descubro a doçura de poder amar realmente os irmãos. Quanto mais vivo recolhido em solidão, tanto mais cresce o meu afeto para com eles. Um afeito puro e cheio de reverência para a solidão dos outros*» (Tomás Merton, O Sinal de Jonas, p. 261)

O recolhimento interior, visto como encontro com Deus, não nos separa dos irmãos, antes produz um relacionamento mais profundo para com eles. O respeito da solidão, nos relacionamentos humanos, serve para proteger a nossa intimidade e para não invadir a intimidade dos outros. A solidão é, portanto, o lugar da comunhão, pois nos liberta de todos os apegos que impedem a verdadeira amizade.

Quanto acontece no profundo do coração tem a dimensão da delicadeza, da vulnerabilidade e de poética beleza, não há palavras suficientes que a possam explicar e, por isso, não pode suportar uma exposição pública descuidada. A intimidade exige respeito e proteção, torná-la pública significa banalizá-la.

Há pessoas vivem fechadas em si mesmas, desiludidas, com uma sensação de desconfiança, pois não só nas relações de trabalho, mas também, nas relações mais íntimas entra o espírito de competição e rivalidade. Procuram a solução da solidão existencial nos relacionamentos humanos. Só Deus pode entrar neste lugar sagrado e dar-nos a verdadeira paz.

Aceitar a nossa solidão interior, não como um peso, ma como uma vocação, é sinal se sabedoria. A nossa vocação é a comunhão com Deus, que começa neste mundo e se completa na eternidade. É pura ilusão procurar a solução nos relacionamos humanos. É verdade que o nosso vazio interior, os nossos desejos insatisfeitos, tocam níveis tão profundos, mas aos seres humanos não podem entrar. É este o sacrário de Deus! Quando procuramos os outros, com a secreta esperança que iremos, finalmente, encontrar alguém capaz de nos libertar do nosso vazio interior, nos aventuramos em relacionamentos tormentosos e sufocantes.

A verdadeira amizade e o amor não poder surgir nos corações ansiosos e apegados, mas de coração pacificados e libertos de todos os apegos. É o Espírito Santo pode curar os corações feridos, é Ele que nos liberta e pacifica e cria um espaço aberto onde possa surgir a verdadeira comunidade.

Não há verdadeira comunidade sem uma saudável solidão e não pode haver uma verdadeira abertura aos outros sem solidão. Qualquer relacionamento humano inclui a capacidade de estar sós e a necessidade de proteger o coração. Lá, no coração podemos estar presentes a nós mesmos, escutar atentamente as vozes que nos habitam e, lentamente, distinguir, entre as muitas vozes, a voz incessante do Espírito Santo que grita «Abbá, Pai», e nos coloca diante de Pai, que nos trata como «filhos amados».

Sim, lá no coração nasce a verdadeira comunidade, pois a presença de Deus nos liberta de todo o apego e nos preenche de amor e de paz. É a vida nova do Espírito. Assim deixamos de procurar os outros com avidez, sedentos de afeto, mas desejosos de oferecer-lhes um amor incondicional. Abre-se a porta da verdadeira amizade. A comunidade é uma realidade interior ...